

Os Relacionamentos São Importantes: Assistência Humanitária e Socorro em Desastre no Haiti

General-de-Divisão P.K. (Ken) Keen, Exército dos EUA; General-de-Brigada Floriano Peixoto Vieira Neto, Exército Brasileiro; Tenente-Coronel Charles W. Nolan, Exército dos EUA; Tenente-Coronel Jennifer L. Kimmey, Exército dos EUA; e Capitão-de-Fragata Joseph Althouse, Guarda Costeira dos EUA.

AS 16H53, HORÁRIO local, de 12 de janeiro de 2010, um terremoto catastrófico de magnitude 7,0 atingiu o Haiti, matando mais de 230 mil pessoas, ferindo milhares de outras e deixando mais de um milhão de desabrigados.¹ O terremoto causou graves danos à capital e a outras cidades na região, avariando ou destruindo marcos famosos, incluindo o palácio presidencial e a catedral de Porto Príncipe. O terremoto destruiu 14 dos 16 ministérios do governo, matando muitos funcionários públicos. O quartel-general da Missão das Nações Unidas para a Estabilização do Haiti (MINUSTAH) desmoronou, matando 101 trabalhadores das Nações Unidas, incluindo o chefe da missão, Hédi Annabi, da Tunísia, e seu adjunto principal, Luiz Carlos da Costa, do Brasil.² Em menos de um minuto, a vida na pequena ilha do Haiti mudou drasticamente.

O terremoto despertou uma reação imediata de governos, organizações não governamentais e fundações privadas em âmbito mundial, que ofereceram o envio de ajuda e assistência de várias formas. A necessidade de mão-de-obra no terreno para organizar o esforço de



(Marinha dos EUA, Especialista em comunicação de massa Justin Stumberg)

General-de-Divisão P.K. Keen, subcomandante do Comando Sul dos EUA, conversa com o General-de-Brigada Floriano Peixoto, do Exército Brasileiro, comandante das Nações Unidas para a Estabilização do Haiti, 16 Jan 10.

socorro reuniu forças militares do mundo inteiro, incluindo os Estados Unidos, que estabeleceram a Força-Tarefa Conjunta no Haiti (*Joint Task Force-Haiti—JTF-H*). O esforço conjunto da MINUSTAH e da JTF-H de

O General-de-Divisão P.K. (Ken) Keen é atualmente o subcomandante militar do Comando Sul dos EUA. É bacharel e mestre pela University of Florida.

O General-de-Brigada Floriano Peixoto Vieira Neto é ex-comandante do Componente Militar da MINUSTAH. Possui o Curso de Comando e Estado-Maior do Exército Brasileiro e o Curso de Política, Estratégia e Alta Administração do Exército Brasileiro.

O Tenente-Coronel Charles W. Nolan é oficial da área de serviço exterior no Exército Sul dos EUA. É bacharel pela Academia Militar dos EUA e mestre pela Brigham Young University.

A Tenente-Coronel Jennifer L. Kimmey é oficial da área de serviço exterior no Comando Sul dos EUA. É bacharel pela Ohio University, mestre em Administração de Empresas pela Central Michigan University e mestre em Estudos sobre a África e Oriente Médio pela Naval Postgraduate School.

O Capitão-de-Fragata Joseph Althouse é chefe de Operações Marítimas da MINUSTAH, Guarda Costeira dos EUA, Área Atlântica. É bacharel pela Thomas Edison State College e mestre pela Wesleyan University.



Foto da ONU, Logan Abassi, PNUD Global. O fotógrafo e proprietário desta foto não endossa o presente artigo.

Vista aérea do quartel-general da MINUSTAH, que desmoronou depois do terremoto, 12 Jan 10.

prover assistência humanitária ao povo do Haiti depois do terremoto demonstra a importância de desenvolver fortes relacionamentos, tanto institucionais quanto pessoais, com exércitos de nações parceiras.

Os EUA e as Forças Armadas de Nações Parceiras: Uma História de Cooperação

Dezoito nações contribuintes constituem o componente militar da missão das Nações Unidas.³ Essas nações incluem a Argentina, Bolívia, Brasil, Canadá, Chile, Equador, França, Guatemala, Japão, Jordânia, Nepal, Paraguai, Peru, Filipinas, Coreia do Sul, Sri Lanka, Estados Unidos e Uruguai. Os Estados Unidos possuem uma longa e ilustre história de parceria e cooperação na condução de todo o espectro de operações com várias nações parceiras. Três exemplos notáveis são as operações ofensivas durante a Campanha Italiana na Segunda Guerra Mundial, a assistência humanitária durante a

guerra civil de 1965 na República Dominicana e as operações de manutenção da paz no Equador e Peru em 1995.

O Brasil foi o único país sul-americano a enviar tropas para lutar na Segunda Guerra Mundial. Formou a Força Expedicionária Brasileira (FEB), composta de 25 mil integrantes do Exército, Força Aérea e Marinha, liderados pelo General Mascarenhas de Moraes. A 1ª Divisão de Infantaria Expedicionária (1ª DIE) da FEB, sob o comando do General Zenóbio da Costa, era composta de três regimentos de combate que lutaram ao lado do Quinto Exército dos EUA, sob o comando do General-de-Divisão Mark Clark, na Campanha Italiana. O destaque da cooperação entre o Brasil e os EUA ocorreu em fevereiro de 1945, quando a 1ª Divisão de Infantaria brasileira e a 10ª Divisão de Montanha dos EUA lutaram lado a lado na Batalha de Monte Castelo contra o Exército alemão, em condições extremamente adversas durante o inverno. A 10ª Divisão de

Montanha, apoiada pela Artilharia brasileira e pelo 1º Esquadrão de Caças da FEB, capturou as defesas alemãs que cercavam Monte Castelo, permitindo que a 1ª DIE atacasse as forças alemãs em terreno mais alto e se apossasse do Monte Castelo. Mais tarde durante a campanha, a FEB também se destacou ao capturar mais de 20 mil prisioneiros alemães e italianos, ajudando a pôr fim às hostilidades na Itália.

A guerra civil de 1965 na República Dominicana levou a outro esforço de cooperação entre os Estados Unidos e diversos países latino-americanos. O quartel-general do XVIII Corpo Aeroterrestre foi ativado em 26 de abril de 1965, e três batalhões da 3ª Brigada, da 82ª Divisão Aeroterrestre, foram desdobrados em 30 de abril e aterrissaram no campo de aviação de San Isidro. Após luta intensa naquele dia, foi estabelecido o cessar-fogo, e os paraquedistas logo passaram para os esforços de manutenção da paz e estabilização, distribuindo alimentos, água e medicamentos aos residentes de San Isidro. Um quarto batalhão da 1ª Brigada da 82ª Divisão Aeroterrestre se uniu aos outros três em 3 de maio. Naquele mês, as forças presentes viram a transição para uma Força Interamericana de Paz (*Inter-American Peace Force—IAPF*). A IAPF/FIP era composta de soldados de Honduras, Costa Rica, El Salvador, Nicarágua e Brasil, sendo o maior contingente fornecido por este: um batalhão de Infantaria reforçado. O General-de-Exército brasileiro Hugo Panasco Alvin assumiu o comando da Força Interamericana de Paz, com o General-de-Divisão Bruce Palmer, dos EUA, servindo como subcomandante de 23 de maio de 1965 a 17 de janeiro de 1966. Nessa época, paraquedistas dos EUA trabalharam em conjunto com as forças da Organização dos Estados Americanos (OEA) na área de assuntos civis, provendo assistência humanitária ao povo de San Isidro.⁴

Mais recentemente, os Estados Unidos trabalharam em menor escala com a Argentina, Brasil e Chile, na operação *Safe Border* (“Fronteira Segura”). No começo de 1995, o Peru e o Equador se enfrentaram em um combate contínuo em uma área remota de selva, onde não haviam demarcado completamente a fronteira. Dezenas foram mortos, centenas

feridos, e temia-se que o conflito se alastrasse para os centros populacionais. Como países garantes do Protocolo de Paz, Amizade e Limites do Rio de Janeiro, que pôs fim à guerra entre o Equador e o Peru em 1941 e definiu a fronteira, a Argentina, o Brasil, o Chile e os Estados Unidos buscaram um acordo abrangente com o estabelecimento da Missão de Observadores Militares Equador-Peru (MOMEPE). O Brasil indicou um oficial-general para liderar a missão, e as outras nações participantes concordaram em definir esse papel como sendo o de “coordenador” em vez de “comandante”, para preservar a condição de coiguais. Cada nação contribuiu com até 10 oficiais observadores, liderados por um Coronel. Os Estados Unidos também forneceram um elemento que consistia no apoio de aviação, operações, inteligência, comunicações e logística. O General-de-Divisão Cândido Vargas de Freire, do Brasil, tinha o controle operacional sobre os observadores de todas as quatro nações, enquanto os coronéis retinham o comando para fins administrativos e disciplinares. Em fevereiro de 1995, o Equador e o Peru concordaram em buscar uma solução pacífica. Em outubro de 1995, os observadores da MOMEPE haviam organizado a retirada de cerca de 5 mil soldados do Vale do Cenepa e supervisionado a desmobilização de 140 mil soldados de ambos os lados. A zona de combate foi desmilitarizada, e o Equador e o Peru começaram a contribuir com oficiais para a missão de observação. Em outubro de 1998, o Peru e o Equador assinaram um acordo de paz abrangente, que estabelecia o marco para pôr fim à disputa fronteira. Isso levou à demarcação formal da fronteira em maio de 1999. As duas nações aprovaram o acordo de paz e as legislaturas nacionais de ambas o ratificaram. A missão da MOMEPE se retirou em junho de 1999.⁵

Os Estados Unidos continuam a engajar-se em atividades de cooperação de segurança com países de todo o mundo. Esses engajamentos tomam a forma de palestras bilaterais de estado-maior, exercícios multinacionais e intercâmbio de pessoal e unidades para melhorar relacionamentos, habilidades e interoperabilidade.

Os Relacionamentos Pessoais Também São Importantes

Além do cultivo de relacionamentos institucionais entre nações parceiras, não se pode ignorar a importância do desenvolvimento de relacionamentos pessoais. Quanto mais entendermos um ao outro em termos de cultura, idioma e operabilidade, mais aptos estaremos para trabalharmos juntos. Conhecendo essa dinâmica, o Exército dos EUA procurou desenvolver um corpo de oficiais e sargentos com um conhecimento profundo da cultura, idioma e organização militar de outras nações, tudo para aumentar a interoperabilidade.

O relacionamento entre o General-de-Brigada Floriano Peixoto, comandante da Força da MINUSTAH, e o General-de-Divisão Ken Keen, comandante da JTF-H, exemplifica essa meta. Em outubro de 1984, o então Capitão Keen, oficial de Operações (S/3) do 1º Batalhão do 325º Regimento de Infantaria Aeroterrestre, participou de um programa de intercâmbio aeroterrestre de um mês com a Brigada de Infantaria Paraquedista do Brasil, no Rio de Janeiro. Durante o intercâmbio, Keen conheceu o então Capitão Floriano Peixoto, instrutor do Curso de Precursor (*Pathfinder*) do Centro de Instrução Paraquedista. Os dois iniciaram o que se tornaria um relacionamento duradouro, desenvolvido no decorrer de múltiplos saltos de paraquedas e patrulhas a pé. Pouco sabiam esses capitães que, 26 anos mais tarde, seriam oficiais -gerais trabalhando juntos para fornecer socorro e assistência a um país assolado por um terremoto: o Haiti.

Em 1987, o então Major Keen realizava o Curso de Comando e Estado-Maior do Brasil, no Rio de Janeiro. A experiência deu a Keen uma maior compreensão e conhecimento do Brasil, algo que lhe seria de grande utilidade em missões futuras.

Em 1988, o então Capitão Floriano Peixoto fazia o Curso Avançado para Oficiais de Infantaria do Exército dos EUA, no Forte Benning, Estado da Geórgia. Naquela época, o Major Keen trabalhava para a Diretoria de Planos, Instrução e Mobilização da Escola de Infantaria do Exército dos EUA, e os dois deram continuidade ao relacionamento estabelecido quatro anos antes.

Quase uma década mais tarde, o então Tenente-Coronel Floriano Peixoto ensinava Português no Departamento de Idiomas Estrangeiros na Academia Militar dos EUA em West Point, no Estado de Nova York. Floriano Peixoto e Keen mantiveram contato por telefone, cartas e e-mail, mas não se viam por outra década.

De 2006 a 2007, como comandante do Exército Sul dos EUA, o então General de uma estrela Keen trabalhou mais uma vez com o então Coronel Floriano Peixoto, que havia sido designado para a 5ª Subchefia do Estado-Maior do Exército Brasileiro.

Com base na interação e no relacionamento pessoal anteriores, a primeira providência que o General-de-Brigada Floriano Peixoto e o General-de-Divisão Keen tomaram ao se verem unidos mais uma vez pelos eventos no Haiti foi desenvolver um conceito combinado para sobrepujarem o desafio juntos.

A ONU no Haiti

Para entender a parceria internacional que ocorreu durante o esforço de ajuda humanitária no Haiti, é essencial conhecer a história que levou ao estabelecimento da MINUSTAH e as suas realizações antes do terremoto.

A ditadura de 30 anos da família Duvalier no Haiti terminou em 1986. Entre 1986 e 1990, uma série de governos provisórios governou o Haiti, e, em dezembro de 1990, Jean-Bertrand Aristide obteve 67% dos votos, tornando-se o primeiro presidente democraticamente eleito da história do Haiti. Aristide assumiu a Presidência em fevereiro de 1991, mas foi derrubado por elementos insatisfeitos do Exército e forçado a deixar o país em setembro do mesmo ano. Um governo provisório foi estabelecido, mas o verdadeiro poder permaneceu nas mãos das forças militares haitianas.⁶

As Nações Unidas estabeleceram uma missão em setembro de 1993 para auxiliar no esforço de democratizar o governo, profissionalizar as Forças Armadas, criar e treinar uma força policial separada e estabelecer um ambiente propício para eleições livres e imparciais. A iniciativa das Nações Unidas se concentrava em aconselhar, instruir e prover o apoio necessário para a consecução dos objetivos estabelecidos pela missão. Após uma série de incidentes, a

ONU e outras agências internacionais deixaram o Haiti em outubro de 1993, por causa da instabilidade criada pelo governo transitório e pela incapacidade de levar adiante os objetivos da ONU de reinstaurar a democracia.⁷

A situação no Haiti continuou a deteriorar-se; a diplomacia e as sanções econômicas não surtiram efeito algum. Os Estados Unidos não viram outra opção senão iniciar uma ação militar para reinstalar o Presidente Aristide. Deram início à Operação *Uphold Democracy* (“Restauração da Democracia”) em 19 de setembro de 1994, ficando os Estados Unidos e as forças aliadas em alerta quanto a uma invasão do Haiti.

Militares da Marinha e da Força Aérea dos EUA foram enviados para Porto Rico e para o Sul da Flórida em preparação. Uma invasão aérea estava programada, liderada por elementos do Comando de Operações Especiais dos EUA e da 82ª Divisão Aeroterrestre.⁸

À medida que essas forças se preparavam para invadir, uma equipe diplomática (liderada pelo ex-Presidente Jimmy Carter, pelo senador aposentado Sam Nunn e pelo chefe da Junta de Chefes de Estado-Maior, General Colin Powell, reserva), persuadiu a liderança do Haiti a afastar-se e permitir que Aristide retornasse ao poder. Esse esforço foi bem-sucedido em parte porque a delegação dos EUA foi capaz de destacar as forças em massa prontas para entrar no país. Nesse momento, a missão militar mudou de uma operação de combate para uma de manutenção da paz e construção nacional, com o emprego de uma força multinacional liderada pelos EUA no Haiti. Em 15 de outubro de 1994, Aristide retornou ao Haiti para completar o seu mandato. Aristide dissolveu o Exército do Haiti e estabeleceu uma força policial civil. A Operação *Uphold Democracy* terminou oficialmente em 31 de março de 1995, quando a Missão das Nações Unidas no Haiti (UNMIH) a substituiu.⁹

Marinha dos EUA. Especialista em Comunicação de Massa Spike Call



O General-de-Brigada Floriano Peixoto, Exército Brasileiro, Comandante da Missão das Nações Unidas para a Estabilização no Haiti, e o General-de-Divisão P.K. Keen, Exército dos EUA, Subcomandante do Comando Sul dos EUA e General Comandante da Força-Tarefa Conjunta no Haiti, conversam com o líder do acampamento de pessoas deslocadas internamente no Ancien Aeroport Militaire, em Porto Príncipe, Haiti, 11 Mar 10.

As Nações Unidas permaneceram no Haiti durante uma série de missões até 2004, para manter um ambiente seguro e estável e promover o Estado de Direito. Houve uma série de acontecimentos positivos durante esse período, incluindo o crescimento de uma sociedade civil multifacetada, uma cultura política baseada em valores democráticos e a primeira transferência pacífica de poder entre dois presidentes eleitos democraticamente em 1996.¹⁰

No entanto, em fevereiro de 2004, durante o segundo mandato presidencial não consecutivo de Aristide, uma rebelião violenta estourou, o que levou à sua remoção mais uma vez.¹¹ O Haiti voltava a ameaçar a paz internacional e a segurança na região, e as Nações Unidas aprovaram a Resolução 1542 em 30 de abril de 2004, estabelecendo efetivamente a Missão das Nações Unidas para a Estabilização do Haiti (MINUSTAH) em 1º de junho de 2004. Sua missão, mesmo agora, é apoiar um governo transitório seguro e estável, o desenvolvimento de um processo político concentrado nos princípios da democracia e a defesa dos direitos humanos.¹²

As Nações Unidas originalmente autorizaram até 6.700 militares, 1.622 policiais, 548

Algumas horas depois do terremoto, o governo do Haiti declarou estado de emergência e solicitou assistência humanitária...

funcionários civis internacionais, 154 voluntários e 995 funcionários civis locais para a MINUSTAH. Em 13 de outubro de 2009, em um esforço de refrear grupos armados ilegais, acelerar seu desarmamento e apoiar as futuras eleições, a ONU aumentou o efetivo autorizado da MINUSTAH para 6.940 militares e 2.211 policiais. Atualmente, 18 países fornecem pessoal militar e 41 países diferentes proveem policiais.

A MINUSTAH está sob a liderança civil de um “representante especial do secretário-geral”, com dois adjuntos que supervisionam diferentes aspectos da missão das Nações Unidas. O representante especial adjunto principal é responsável essencialmente pelas questões referentes à polícia civil da ONU, direitos humanos, Justiça, assuntos civis e eleitorais. O outro representante especial adjunto é responsável pelos esforços humanitários pela igualdade dos sexos, direitos da criança, desarmamento, desmobilização e reintegração, questões de HIV/AIDS e outras agências das Nações Unidas. O comandante da força militar também está sob o controle do representante especial. A força militar é composta de dez batalhões de Infantaria, quatro companhias de Engenharia, duas companhias de Infantaria independentes e destacamentos especializados (aviação, medicina e logística).¹³

Desde 2004, a MINUSTAH criou um ambiente de segurança e estabilidade, permitindo que a transição política ocorresse. O Haiti nos lembra que o desenvolvimento e a segurança são intrinsecamente ligados e não deveriam ser vistos como esferas separadas porque a falta de um prejudicará o progresso do outro. Para tanto, a profissionalização da Polícia Nacional do Haiti está prestes a alcançar a meta de possuir 14 mil membros em suas fileiras até 2011. Em meados de 2009, mais de 9 mil policiais haviam sido treinados.¹⁴

Outro indicador de sucesso foi a drástica redução de atividades relacionadas com gangues, que ameaçavam a estabilidade política. Na Cité Soleil, a favela mais crítica do Haiti, os soldados brasileiros da MINUSTAH se apossaram da área e a transformaram em um ambiente de normalidade, após seis anos de operações bem sucedidas. O novo nível de segurança estabelecido em 2008 permite que agências e ONGs se aproximem, avaliem e forneçam assistência sem a ameaça de violência das gangues.¹⁵

As eleições para o senado em abril de 2009 marcaram outro passo no desenvolvimento democrático do Haiti. A MINUSTAH é reconhecida por seu apoio contínuo ao processo eleitoral do Haiti e por auxiliar o governo do país em intensificar seus esforços para promover um diálogo político em que todas as vozes possam falar e ser ouvidas.¹⁶

O Haiti adiou as eleições legislativas marcadas para fevereiro de 2010 por causa dos desastrosos efeitos do terremoto e programou as eleições presidenciais para novembro de 2010. O Presidente Préval, que foi eleito pela segunda vez em 2006, disse que não se candidataria novamente quando seu mandato terminasse em fevereiro de 2011, uma vez que já havia exercido dois mandatos de cinco anos, que é o limite estabelecido pela legislação haitiana.¹⁷

Embora todos os países que contribuem com soldados para a MINUSTAH compartilhem desses êxitos, autoridades do governo dos EUA elogiaram o papel de liderança do Brasil na missão das Nações Unidas como uma demonstração bem-vinda de que o país desponta como um líder no âmbito regional e mundial.¹⁸

O Terremoto e a Resposta Internacional

O terremoto de 12 de janeiro afetou imediatamente um terço da população do Haiti, incluindo os que serviam na MINUSTAH.¹⁹ Imediatamente após, centenas de cidadãos locais se aglomeraram no complexo do quartel-general da MINUSTAH, localizado no antigo Hotel Christopher. A parte principal do edifício tinha desmoronado, matando muitos membros da equipe das Nações Unidas e deixando vários outros soterrados. Os membros da equipe que não sofreram ferimentos começaram imediatamente a busca e o salvamento dos colegas, fornecendo a triagem e o atendimento médico dos feridos em condições de se locomover. Embora a MINUSTAH tenha sofrido perdas enormes, seus soldados rapidamente assumiram novas tarefas, como busca e salvamento, limpeza e desobstrução de ruas, prestação de assistência humanitária imediata e preparação de covas coletivas segundo os protocolos da Cruz Vermelha Internacional, ao mesmo tempo em que mantinham o foco na sua principal missão de segurança.

O General-de-Divisão Keen se encontrava no Haiti no dia 12 de janeiro, em uma visita previamente programada. Minutos antes do terremoto, ele estava com o embaixador dos EUA no Haiti, Ken Merten, na varanda de trás de sua casa, com vista para a cidade de Porto Príncipe. A residência do embaixador resistiu

ao terremoto e rapidamente se tornou um ponto de encontro para funcionários da embaixada e ministros do governo haitiano, assim como o ponto de ligação de Keen com o Comando Sul dos EUA, em Miami.

Algumas horas depois do terremoto, o governo do Haiti declarou estado de emergência e solicitou assistência humanitária dos Estados Unidos e da comunidade internacional em geral. Naquela noite, o Escritório de Assistência a Desastres no Exterior da Agência dos Estados Unidos para o Desenvolvimento Internacional (*U.S. Agency for International Development — USAID*) ativou uma “equipe de gestão de resposta” para coordenar e liderar o esforço do governo federal.²⁰

Na manhã seguinte, Keen inspecionou os efeitos do terremoto. Escombros dos edifícios desmoronados obstruíam as ruas, isolando as pessoas da comida, água e provisões médicas. O terremoto tinha destruído a torre de controle do aeroporto internacional, impossibilitando a chegada de assistência por via aérea. O povo do Haiti tinha de sobreviver por conta própria. Contar com a MINUSTAH já no terreno era um enorme benefício, mas com a destruição da sede das Nações Unidas e a perda de sua liderança mais antiga, a resposta necessária era maior do que qualquer organização ou país pudessem assumir sozinhos. Vendo que a situação exigia uma reação rápida e vigorosa, o General Keen solicitou o envio de forças militares dos EUA para o Haiti.

Inicialmente, os Estados Unidos decidiram não criar uma força-tarefa conjunta interaliada. Com as Nações Unidas já no terreno, uma força multinacional robusta já estava organizada. Além disso, os países que contribuíam com recursos adicionais e com pessoal para a MINUSTAH já tinham ligação com os seus representantes locais na ONU. A criação de uma força-tarefa conjunta interaliada teria ido de encontro a esses esforços. Em vez disso, a Força-Tarefa Conjunta no Haiti foi desdobrada para conduzir operações de assistência humanitária e de resposta a desastres. A finalidade da Força-Tarefa Conjunta no Haiti era apoiar os esforços dos Estados Unidos naquele país para minimizar o sofrimento humano no curto prazo e acelerar os esforços de socorro para facilitar a transição para o governo

do Haiti, ONU e USAID. As forças militares possuem capacidades significativas que são úteis em situações de emergência, mas é melhor deixar planos de socorro e reconstrução de longo prazo a cargo de agências governamentais civis.

O General-de-Brigada Floriano Peixoto estava fora do país quando o terremoto ocorreu. Assim que teve conhecimento do desastre, retornou rapidamente ao Haiti em 13 de janeiro. Tomou medidas imediatas para reconstituir o comando e controle estabelecendo um centro de operações de emergência na Base Logística da MINUSTAH, no aeroporto de Porto Príncipe. Redistribuiu suas forças com o envio de tropas de partes menos afetadas ou intactas do país principalmente para Porto Príncipe.

No dia seguinte, Keen foi encontrar Floriano Peixoto no seu quartel-general temporário para trocar informações sobre os esforços de socorro e a chegada iminente das forças dos EUA no Haiti. Fazer visitas não programadas era contra o protocolo, mas parecia ser necessário na situação. Quando Keen entrou no quartel-general, descobriu por um coronel brasileiro que o ministro da Defesa do Brasil, Nelson Jobim, estava em reunião com os comandantes de Forças Singulares brasileiras e com o pessoal da MINUSTAH. Sem querer interromper, Keen estava prestes a ir embora mas foi convidado a se juntar a Jobim, Floriano Peixoto e as demais autoridades. Essa reunião se tornou uma oportunidade especial, pois o comandante brasileiro da MINUSTAH apresentou um relatório detalhado sobre os esforços de assistência humanitária em andamento e a morte de 18 soldados brasileiros, a maior perda de vida nas Forças Armadas do país desde a Segunda Guerra Mundial.²¹ Jobim perguntou a Keen que forças militares seriam desdobradas pelos EUA. A discussão então se concentrou em como as forças da MINUSTAH e dos EUA poderiam trabalhar juntas e coordenar seus esforços. Ambos os líderes sabiam que era imperativo esclarecer os papéis de cada parceiro para evitar confusão e duplicação de esforços. A missão da MINUSTAH de prover segurança e estabilidade no Haiti permaneceria a mesma. A JTF-H prestaria assistência humanitária, e as forças dos EUA executariam tarefas de segurança apenas ao realizar tais operações.

Desde o princípio, estava claro que as forças dos EUA operariam dentro de um ambiente “seguro e protegido” provido pelas forças das Nações Unidas, cuja missão era fornecer segurança. Embora se reconhecesse que esse era um ambiente seguro, havia incerteza em relação ao caos que se seguiu ao terremoto, a ausência da Polícia Nacional do Haiti nas ruas e a fuga de mais de 3 mil detentos das prisões locais.²²

Floriano Peixoto e Keen concordaram mais tarde que a forma mais eficaz de operar seria combinar as forças sempre que possível. Esse diálogo inicial preparou o terreno para as operações combinadas que se seguiram. Eles coordenaram setores compartilhados, administraram pontos para a distribuição de alimentos e forneceram outras formas de assistência humanitária. Para aumentar a comunicação entre seus Estados-Maiores, Floriano Peixoto e Keen estabeleceram oficiais de ligação em cada quartel-general. As duas organizações também forneceram os números de telefone e os endereços eletrônicos de todos os chefes de setor e seção, assistentes mais antigos e assessores. Para aumentar a compreensão e assegurar a transparência, ambos os Generais apresentaram relatórios detalhados de seus planejamentos, logo na primeira semana no terreno.

Ofertas imediatas de assistência continuaram a chegar de todo o mundo. Muitos dos países que já contribuíam para a força ofereceram mais soldados. O Japão, a Coreia do Sul e a Comunidade do Caribe prontificaram-se a aderir aos esforços das Nações Unidas. Contribuições bilaterais vieram da França, Itália, Espanha, Canadá e Holanda. Em 19 de janeiro, exatamente uma semana depois do terremoto, o Conselho de Segurança da ONU adotou unanimemente a Resolução 1908. A resolução autorizava um aumento de 3.500 integrantes das forças de manutenção da paz (2.000 militares e 1.500 policiais), por causa dos riscos de segurança adicionais criados pela incapacidade do governo local e da resultante redução de 20% da eficácia da polícia local.²³ Desdobrar essas tropas e engenheiros adicionais levou tempo, mas o rápido desdobramento das forças dos EUA ajudou a preencher a lacuna de tempo.

Os Estados Unidos posicionaram primeiro o pessoal de Operações Especiais da Força Aérea, para abrir o aeroporto e gerenciar a chegada de assistência por via aérea. A JTF-H estabeleceu rapidamente o seu quartel-general com membros

...o esforço de socorro era realmente uma missão internacional...

do quartel-general conjunto permanente do Comando Sul e do Estado-Maior do XVIII Corpo Aeroterrestre. Uma brigada da 82ª Divisão Aeroterrestre foi enviada para Porto Príncipe e a 22ª e 23ª Unidades Expedicionárias do Corpo de Fuzileiros Navais foram desdobradas para prestar assistência a oeste e norte da capital. Navios e aeronaves da Marinha e da Guarda Costeira dos EUA, incluindo o navio-hospital USNS Comfort, também foram empregados. A Força-Tarefa Conjunta no Haiti estabeleceu uma força-tarefa de “abertura de porto” para possibilitar a chegada de assistência humanitária por via marítima. No final de janeiro, os Estados Unidos tinham desdobrado mais de 22 mil funcionários civis e militares — aproximadamente 7 mil em terra, com os demais embarcados —, 16 navios e 58 aeronaves. Um forte Comando Logístico Conjunto também apoiava todo o esforço.

Organização da JTF-H

O Departamento de Defesa designou o esforço como Operação *Unified Response* (Resposta Unificada). A MINUSTAH era responsável pela segurança, enquanto a JTF-H se concentrava em salvar vidas e minimizar o sofrimento humano. A operação tinha duas fases principais, cada uma com prioridades diferentes. A Fase I (resposta inicial) durou de 14 de janeiro a 4 de fevereiro. As prioridades eram conforme segue:

- restauração da capacidade médica;
- distribuição de abrigo, alimentos e água;
- integração com a MINUSTAH e ONGs;
- apoio aos haitianos.

Entre as tarefas essenciais estava a abertura do aeroporto e do porto, para que a ajuda humanitária pudesse entrar no país.

A Fase II (socorro) começou em 5 de fevereiro. Depois de atender às necessidades urgentes na Fase I, era hora de fazer a transição para um plano mais deliberado. Conforme o governo se firmava e mais ONGs se estabeleciam no país, o foco se voltou para a transferência de responsabilidades da JTF-H para aqueles agentes. Inicialmente, a força-tarefa estabeleceu uma célula de coordenação de assistência humanitária para organizar seus esforços com a ONU. A Fase II tinha as prioridades a seguir:

- apoiar esforços de prover abrigo, estabelecer assentamentos e remover escombros;
- transferência dos esforços de assistência humanitária e socorro em desastres da JTF-H para parceiros capazes, quando prontos;
- planejar, coordenar e preparar-se para executar a transição gradual para uma estrutura de força e operações menores, mas de longo prazo.

Parceria no Terreno

Com a transparência e a coordenação já implementadas no nível operacional entre Floriano Peixoto e Keen e com papéis claramente definidos entre a MINUSTAH e a JTF-H, estavam estabelecidas as condições para a coordenação no nível tático. À medida que as unidades da 82ª Divisão Aeroterrestre chegavam a Porto Príncipe, os comandantes nos escalões batalhão e companhia estabeleciam contato com seus colegas da MINUSTAH. Cada unidade da MINUSTAH estava em um estágio diferente de desdobramento, mas seu conhecimento da área e experiência no terreno possibilitavam que prestasse grande auxílio aos paraquedistas recém-chegados. As unidades da MINUSTAH ajudaram os paraquedistas a entender rapidamente seu ambiente operacional e a adquirir o conhecimento da situação por meio de patrulhas combinadas para reconhecer seus setores.

Em um exemplo, soldados dos EUA que patrulhavam com seus colegas brasileiros se depararam com uma multidão que havia empilhado pedras nas ruas. Os paraquedistas com experiência no Iraque e no Afeganistão interpretaram isso como uma barreira e responderam rapidamente parando os veículos e realizando a segurança. Os soldados



Exército dos EUA, Fred W. Baker III

Uma multidão se aglomera em um country club utilizado pelos soldados americanos como base avançada de operações em Porto Príncipe, no Haiti, 16 Jan 10.

brasileiros, que sabiam que essas pessoas estavam simplesmente usando as pedras para criar um espaço para viver na rua, explicaram rapidamente aos paraquedistas o que estava acontecendo, assegurando-lhes que não havia ameaça imediata alguma.

Um dos melhores exemplos de coordenação e cooperação começou em 31 de janeiro, quando soldados da MINUSTAH e da JTF-H iniciaram uma operação combinada para entregar alimentos e água à população de Porto Príncipe. O Programa Alimentar Mundial (PAM), em parceria com a USAID, a Organização Internacional para as Migrações (OIM), Unicef e várias ONGs, liderou essa operação de entrega de alimentos de 14 dias, sendo 16 pontos de distribuição administrados pela MINUSTAH e pelas forças dos EUA. Soldados de várias nações trabalharam juntos, aprenderam uns com os outros e mostraram ao povo do Haiti que o esforço de socorro era realmente uma missão internacional. Durante a primeira operação de entrega de alimentos, foram distribuídas mais de 10 mil toneladas a

mais de 2,2 milhões de pessoas, tarefa que teria sido impossível sem vários países trabalhando juntos.

Em 12 de janeiro, mais de 3 mil prisioneiros escaparam de prisões destruídas pelo terremoto e fugiram para Cité Soleil.²⁴ Uma tropa do 1º Regimento da 2ª Brigada de Combate Aeroterrestre (historicamente, *1/73 Cavalry*) dividia a responsabilidade por Cité Soleil com um pelotão brasileiro, quadruplicando o número de soldados no terreno. Além de aumentar a sensação de segurança para os residentes haitianos, isso permitiu que o pelotão brasileiro concentrasse seus esforços na captura dos prisioneiros fugitivos, enquanto o regimento mantinha o foco na assistência humanitária e apoiava o pelotão brasileiro compartilhando informações.

A MINUSTAH e a JTF-H definiram claramente seus papéis para a operação. A MINUSTAH era responsável pela segurança. Todos os dias, a MINUSTAH conduzia, em média, mais de 600 operações de segurança, que envolviam mais

de 4.500 soldados. A MINUSTAH também planejou e conduziu operações de socorro. A JTF-H tinha como foco salvar vidas, minimizar o sofrimento humano no curto prazo e acelerar os esforços de socorro. Como mencionado anteriormente, as operações de segurança conduzidas pela JTF-H eram em apoio direto às missões de assistência humanitária, como proteger pontos de distribuição, comboios de ajuda e remoção de escombros. Ao identificar um assunto de segurança não ligado à missão de assistência humanitária, a JTF-H coordenava com a MINUSTAH por meio de relacionamentos estabelecidos e respondia de forma correspondente.

Os Relacionamentos São Importantes

A cooperação militar internacional testemunhada durante o esforço de socorro no Haiti foi uma experiência excepcional. Dois fatores tiveram grande influência no sucesso dessa missão.

Primeiro, a MINUSTAH já estava no Haiti conduzindo operações de segurança desde 2004.²⁵ Contar com uma força profissional multinacional no terreno, com experiência e conhecimento da situação, facilitou a resposta da MINUSTAH e de outros países que ajudaram. Os relacionamentos de trabalho existentes entre a MINUSTAH e o governo também ajudaram a acelerar e agilizar o processo de socorro em desastre.

Embora as Nações Unidas não tenham uma presença estabelecida em todos os países onde os Estados Unidos conduzirão operações no futuro, os exercícios combinados que realizamos com nações parceiras por todo o mundo proporcionam uma oportunidade importante para aprendermos uns sobre os outros e sobre como cada exército opera. O trabalho conjunto durante exercícios aumenta a interoperabilidade e facilitará os esforços combinados quando eventos no mundo real nos reunirem.

Segundo, o longo relacionamento pessoal de 26 anos entre Floriano Peixoto e Keen, com sua sólida base de confiança e amizade, demonstrou claramente a eficácia do nosso programa de Educação e Treinamento Militar Internacional (*International Military Education and Training*—



Marrinha, Sgt Chad J. McNeely

Soldado brasileiro presta segurança no centro de Porto Príncipe, Haiti.

IMET) e de intercâmbios. Encontrar dois oficiais-generais com esse relacionamento pré-existente definitivamente não é a norma, mas esse caso destaca a importância de proporcionar aos oficiais e sargentos oportunidades para conhecer soldados de outros países, aprender sobre sua cultura e idioma e passar a entender outras perspectivas do mundo. Isso facilitará futuras operações combinadas ao desenvolver relacionamentos de confiança e entendimento.

Lições Aprendidas

Dois meses depois do início da operação de socorro, Floriano Peixoto e Keen refletiram no que achavam que havia feito a diferença durante a operação combinada. Floriano Peixoto comentou que foi fundamental definir e compreender claramente o papel esperado de cada parceiro

no esforço de socorro. Quando lhe perguntaram o que tornou isso possível, ele respondeu: “confiança”. Com base no relacionamento

Os relacionamentos são um multiplicador de força. São essenciais quando você quer resultados significativos.

entre eles, nenhum dos dois precisava de um documento assinado que detalhasse o papel de cada parceiro. Uma declaração de princípios foi desenvolvida mais tarde, mas somente para fornecer às organizações fora das forças militares participantes uma explicação de como a MINUSTAH e a JTF-H trabalhavam juntas.

Keen comentou que a presença militar combinada nas ruas de Porto Príncipe fez a diferença. “Ver soldados do Exército dos EUA lado a lado com soldados da MINUSTAH nos pontos de distribuição de alimentos durante as primeiras semanas transmitiu uma forte mensagem ao povo do Haiti: parceria e unidade de esforço. Preparou o terreno para tudo o que faríamos.”

Floriano Peixoto acrescentou que outro fator contribuinte foi a “coordenação”. Keen se encontrou com Peixoto no mesmo dia em que

chegou ao Haiti, e eles imediatamente decidiram que as duas organizações seriam completamente abertas e transparentes, sem briefings sigilosos.

Quando lhe perguntaram por que os relacionamentos são importantes, Floriano Peixoto respondeu: “Os relacionamentos são um multiplicador de força. São essenciais quando você quer resultados significativos. Você aumenta a velocidade na obtenção de resultados ao facilitar, formar e reforçar relacionamentos. É preciso desenvolver essas ligações em todos os níveis da organização.”

Keen complementou: “Fundamentalmente, na paz ou na guerra, precisamos confiar um no outro. Aprendemos a confiar um no outro com o desenvolvimento de um forte relacionamento, pessoal e profissional. Essa é a chave para criar uma equipe eficaz que trabalhe em direção a um objetivo comum. No Haiti, esse foi o caso dentro de nossas próprias forças militares e com os nossos parceiros interagências, organizações não governamentais e parceiros estrangeiros. Ao se depararem com problemas difíceis, seus fortes relacionamentos quebraram as barreiras.”

Keen acrescentou: “Se nosso governo tivesse mais um dólar para gastar em assistência de segurança, eu recomendaria que fosse gasto no programa IMET, e não em equipamentos.” O sucesso da contribuição militar multinacional aos esforços de socorro no Haiti demonstra que os relacionamentos são importantes — tanto no âmbito institucional quanto no pessoal. **MR**

REFERÊNCIAS

1. USAID Fact Sheet #46, 18 de março de 2010, “Haiti—Earthquake.”
2. Site da ONU, disponível em: <www.un.org/en/peacekeeping/missions/minustah> (22 de março de 2010).
3. Ibid.
4. WEIDNER, Cel Glenn R. “Operation Safe Border: The Ecuador-Peru Crisis”, *Joint Force Quarterly* (Spring 1996).
5. U.S. Command and General Staff Thesis, PENTEADO, Ten Cel Carlos José Assumpção. “The Brazilian Participation in World War II” (2006).
6. Site do Departamento de Estado dos EUA, disponível em: <www.state.gov/r/pa/ei/bgn/1982/htm> (17 de março de 2010).
7. Site da ONU, disponível em: <www.un.org/en/peacekeeping/missions/past/unmih.htm> (12 de março de 2010).
8. Site do Forte Bragg, disponível em: <www.bragg.army.mil/1bct/history_gulfwar.html> (15 de março de 2010).
9. Site da National Defense University, disponível em: <www.ndu.edu/inss/strforum/SF_78/forum78.html> (17 de março de 2010).
10. Site da ONU (12 de março de 2010).
11. Site do Departamento do Estado dos EUA (17 de março de 2010).
12. Site da ONU (22 de março de 2010).
13. Ibid.
14. Embaixadora Susan Rice no Conselho de Segurança da ONU, sobre o Haiti, “US Salutes the Work, Bravery of UN Stabilization Mission in Haiti”, *UN*

Press Release, 6 de abril de 2009.

15. CENTRO ARGENTINO DE ENTRENAMIENTO CONJUNTO PARA OPERACIONES DE PAZ, “Assessment on MINUSTAH—A South American Style of Peacekeeping”, disponível em: <www.haitiargentina.org/content/download/218/907/1e/109/pdf> (17 de março de 2010).
16. Site da ONU, disponível em: <www.un.org/apps/new/printnewsAR.asp?nid=30627> (10 de março de 2010).
17. CHARLES, Jacqueline; WYSS, Jim. “Haitian President Postpones February Elections, Appeals for Tents, Jobs”, *Miami Herald*, 27 de janeiro de 2010.
18. “Devastation in Haiti brings Brazil and US Closer”, site do Brazil Institute, disponível em <brazilportal.wordpress.com/2010/01/14/> (10 de março de 2010).
19. USAID Fact Sheet #46.
20. USAID Fact Sheet #12, 24 de janeiro de 2010, “Haiti—Earthquake”.
21. “A Massive Relief Effort Limp into Gear”, *The Economist*, disponível em: <www.economist.com/world/americas/displaystory.cfm?story_id=15330781> (23 de março de 2010).
22. “Gangs Return to Haiti Slum after Quake Prison Break”, site da *Reuters*, disponível em: <www.reuters.com/assets/print?aid=USTRE60G0CO20100117> (10 de março de 2010).
23. Site da ONU, 22 de março de 2010.
24. Site da *Reuters*.
25. Site da ONU, 22 de março de 2010.